

Preconceito Racial: Atitudes da sociedade brasileira que gera o preconceito racial

Autor: Joselildo de Oliveira Alves (1);

Coautor: José Olavo dos Santos (2);

UNIGRENDAL- Mestrados em Ciência da Educação - BARAÚNA/PB/joselildo.olveira@gmail.com;

UNIGRENDAL- Mestrados em Ciência da Educação - BARAÚNA/PB/olavospport@hotmail.com;

1. INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu da necessidade de entender a qual razão, circunstância que no Brasil do século XXI com uma imensa diversidade de culturas, raças, cores, crenças, opção sexual, ainda encontram-se pessoas racistas e preconceituosas para com o próximo. Dessa maneira, este trabalho busca fazer uma breve reflexão para entender essa problemática sofrida por muitos brasileiros e/ou brasileiras, que assim perpassa desde o período colonial até os dias atuais. Portanto, faz-se necessário compreender a diversidade multicultural no processo histórico do Brasil, as ações de entrave entre o convívio e o comportamento racial de uma sociedade diversificada no panorama nacional, local, que se diz não ser preconceituosa. No entanto é preciso analisar o comportamento racista de uma sociedade multicultural para entender o processo de transformação e convívio social e assim compreender a necessidade de valorização das culturas para a formação de uma cidadania susta.

Pensando assim, elaborar um trabalho sobre multiculturalismo na educação é fazer uma viagem no tempo, desde o Brasil colônia até os dias atuais, pois não tem como pensar em multiculturas sem lembrar das várias formas de preconceitos raciais existentes no país ao longo dos anos de sua existência, frutos de uma herança trazida ao Brasil pelos europeus, principalmente os portugueses. No entanto, segundo os livros de História do Brasil, foi a partir da chegada dos portugueses, por volta dos anos de 1.500, que se deu início ao preconceito racial no Brasil, onde já se registravam traços preconceituosos primeiramente com o modo de vida, vestir, crenças e hábitos indígenas que aqui se encontravam. Logo a seguir com relação ao tráfico de negros trazidos para trabalhar na lavoura e ao mesmo tempo escravizá-los, por serem de uma cor escura, tendo uma cultura diferente da estabelecida pelos portugueses. Os negros passaram a sofrer várias formas de preconceitos, como por exemplo, serem abominados por sua cor, crenças, costumes e danças. No entendimento dos portugueses

os negros só serviam para o trabalho escravo, não podendo frequentar os mesmos lugares, participar das mesmas festas, considerando assim os negros uma classe inferior.

Partindo dessa época, que surgiu o preconceito racial, que, por sua vez esquece ou não tem o conhecimento de que, na verdade, todos os seres humanos são iguais, independente da raça, cor, sexo, religião, opção sexual ou classe social.

Portanto, para (CARNEIRO, 2003,p.5).“Sempre interessou ao homem branco a preservação do mito de que o Brasil é um paraíso racial, como forma de absorver as tensões sociais e mascarar os mecanismos de exploração e de subordinação do outro, do diferente.”

No entanto, fica cada vez mais evidente que os anos passam e os conflitos gerados pelas questões socioeconômicas e preconceitos raciais entre as pessoas continuam a existir. Até mesmo as políticas públicas que foram criadas para amenizarem estes tipos de problemas, não conseguem de fato resolvê-los; ou seja, são criadas leis de combate ao preconceito racial, quando na maioria das vezes não são cumpridas, mostrando assim que, combater essa questão, tornou-se um ato simbólico.

Estudiosos do Brasil revelam que comportamentos conservadores se manifestam expressivamente muito mais nas camadas altas e médias remanescentes da classe senhorial do que nas classes baixas. A discriminação de gênero, raça e classe é um mecanismo de privilégio de classe. Em uma sociedade que se organiza de forma desigual qualquer preconceito manifesta-se atrelado ao da posição social dos indivíduos no meio social. A Carta Cidadã em seu art. 5º, inciso XLII versa sobre a prática do racismo como “crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão”. Em seu art. 3º, defende uma sociedade sem preconceito de origem, raça, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação, como um dos objetivos fundamentais da República (SHWARTZ, 2015)

Tendo em vista, que nos encontramos em pleno século XXI e ainda se tenta combater uma questão que vem se alastrando desde os primórdios, em que o homem não tinha, ou não apresentava, o conhecimento e compreensão sobre o mundo onde estava inserido; e que o Brasil foi formado e assim é conhecido, como um país miscigenado, onde não é reconhecido e tão pouco valorizado por todos com essa nomenclatura. Desde o início da sua história se imaginavam que a cor e raça eram as principais formas de preconceitos existentes no Brasil,

no entanto se percebe que até a maneira de um indivíduo se vestir poderá causar um ato de preconceito e discriminação racial em nosso país.

Pensando assim, Carneiro (2003, p.7): diz; "No Brasil há um racismo camuflado, disfarçado de democracia racial. Tal mentalidade, se pensarmos bem, é tão perigosa quanto aquela que é assumida, declarada".

Contudo, faz-se necessário uma devida conscientização ao povo brasileiro para mostrar que, ao longo dos anos, a própria história vem trazendo ações preconceituosas que se transformaram em cultura. Entende-se que, a partir do surgimento da educação sendo obrigatoriedade para todos, e assim tornando os seres humanos com conhecimentos dos seus direitos e deveres, que a humanidade começou a desenvolver a consciência de que se deve tratar o outro com respeito, haja vista que o Brasil, sendo um país de grande porte, poderá apresentar grande diversidade de culturas, valores, raças e crenças. No entanto, para muitos, conviver com pessoas de outra cor, raça, sexo ou classe social é extremamente impossível, pois, sabendo que essa é uma questão cultural, cabe à escola como instituição formal, o papel de discutir e esclarecer no sentido de tentar desfazer esse preconceito racial nas crianças, mostrando as mesmas que somos todos iguais, podemos ser diferentes na cor, mas pertencemos ao mesmo país, onde todos tem seus direitos e deveres garantido por lei.

2. A ESCOLA INSTITUIÇÃO DE COMBATE AO PRECOCEITO RACIAL

Sabendo que o preconceito racial é uma questão cultural que está na genética de todos os brasileiros e que essa cultura não afeta somente os adultos, como também as crianças que, pelo fato de serem criadas em um ambiente que desenvolvem ações racistas ou preconceituosas por partes dos seus pais, que por sua vez, consideram um ato normal do seu dia a dia, essas crianças acabam trazendo esse pensamento para a escola. Neste sentido, a escola como instituição formal, compreendida como um lugar privilegiado para se iniciar o processo de conhecimento da diversidade cultural brasileira, promovendo assim o respeito a todas as diferenças desta pluralidade existente no país, tem um papel fundamental com relação ao favorecimento e ao esclarecimento mútuo, assim a escola deve trabalhar como parceira no processo de conscientização, não só nas crianças, como na sociedade ou na comunidade onde a mesma está inserida, criando e/ou possibilitando ações que possam transformar ou minimizar o preconceito que está impregnado na mentalidade das pessoas,

para que possam proporcionar um convívio justo entre os grupos que formam a população brasileira.

No entanto, percebe-se que a questão do preconceito racial também acontece nas escolas, tanto por parte do aluno/aluno, aluno/professor, professor/aluno funcionário/aluno, aluno/funcionário e de várias outras formas que na maioria das vezes passam despercebidos.

Assim, confirma Carneiro que diz: (2003, p.7): "No Brasil há um racismo camuflado, disfarçado de democracia racial. Tal mentalidade, se pensarmos bem, é tão perigosa quanto aquela que é assumida, declarada".

Dessa forma, na maioria das vezes, acontecem ações de preconceito e discriminação racial, passando assim despercebido, principalmente quando está relacionado a questões financeiras, gênero e/ou opção sexual. Percebe-se que com todas as dificuldades encontradas para combater esse tipo de abuso, faz-se necessário lembrar que, para combater, minimizar, ou eliminar o preconceito racial, além da conscientização, a educação ainda é o principal caminho ou instrumento que há se buscar, pois, se a educação tem o poder de transformar o modo de pensar de um indivíduo poderá efetivamente, trazer argumentos, maneiras, metodologias e esclarecimentos a todos os seres humanos que precisam desses conhecimentos, necessários para percebermos que vivemos em um país multicultural.

Para SCHWARCZ (2010, p. 22), "Vinculados e legitimados pela biologia, a grande ciência desse século, os modelos darwinistas sociais constituíram-se em instrumentos eficazes para julgar povos e culturas, a partir de critérios deterministas, e, mais uma vez, o Brasil surgia representado como um grande exemplo; dessa feita, um laboratório racial."

Contudo, a conscientização deve ser trabalhada desde a fase de infância, com isso a escola passará a educar mostrando que essas crianças poderão sim, através da educação tornam-se cidadãos atuantes, e assim mostrarem que a sociedade brasileira é multicultural, que deve ser respeitada, e que podemos viver todos juntos, com um só pensamento, com capacidade de se transformar e, assim, construir uma nação mais justa, igualitária e verdadeiramente democrática.

3. A ESCOLA E FAMÍLIA UNIDAS CONTRA O PRECONCEITO RACIAL

Sabemos que os vários atos de preconceitos raciais não existem ou não acontecem somente na rua, mas em casa; no trabalho e, principalmente, na escola, que se constitui como uma instituição consciente de que não tem como combater o preconceito racial sozinha, e sim que precisa estabelecer parcerias com várias outras instituições, principalmente com a instituição primeira da criança, que é a familiar. Sabendo que é na família que as crianças/alunos aprendem suas primeiras e principais ações de educação necessárias ao bom comportamento, desenvolvimento e bem estar. Nesta perspectiva, a escola busca trazer a família como um dos seus principais aliados para ajudar no processo de ensino e aprendizagem dos seus educandos. Para que isso aconteça faz-se necessário que ambas as partes reconheçam que o preconceito e a discriminação racial existem e que devem ser combatidos, transformando assim o espaço escolar em um lugar humanitário, que esteja aberto para a coletividade e o pensamento mútuo. Um espaço em que todos juntos aprendam a desconstruir pensamentos racistas, tornando a educação com uma visão voltada para a valorização e o respeito étnico-racial.

No entanto, Carneiro (2003, p.5) afirmou que: “o Brasil sempre procurou sustentar a imagem de um país cordial, caracterizado pela presença de um povo pacífico, sem preconceito de raça e religião”.

Dessa forma, torna-se cada vez mais difícil identificar quem está falando a verdade no que se diz respeito ao preconceito racial, levando-se em consideração o fato de que o racismo existe no Brasil desde sua histórica fase colonial e que, até os dias atuais, busca-se desmistificar ou abolir esse tipo de preconceito, sem sucesso. Assim, evidencia-se que a instituição escolar deve entender o preconceito racial como algo que está impregnado culturalmente na mentalidade das pessoas, cabendo a instituição escolar o ato de trabalhar, junto aos pais dos alunos, para intensificar a construção de conhecimentos que levem a entender que somos seres humanos iguais, diferentes na cor, opção sexual, classe social e modo de se vestir, mas com os mesmos direitos e deveres de qualquer outro cidadão da sociedade brasileira.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização deste artigo foram desenvolvidas leituras de vários autores, vídeos palestras, panfletagem, visitas, projetos didáticos relacionados ao tema, para assim propor

conhecimentos sobre o referido assunto no que se refere a nível nacional e local incluindo assim na metodologia científica para ampliar as informações com o objetivo de atender as necessidades de complementos no decorrer do estudo. Como também conversas, entrevistas, debates e acompanhamento. Partindo da comunidade escolar junto aos moradores residentes no município de Picuí/PB.

5. RESULTADO E DISCURSÕES

O público-alvo da pesquisa foram estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Ferreira de Lima e moradores do sítio Urubu ambos do município de Picuí/PB. Onde foram realizadas entrevistas associadas ao preconceito racial como também às questões multiculturais referentes ao município em destaque no presente e passado colonial, assim levar a comunidade juntamente com a escola para que possam trabalhar juntas em combate aos atos ou atitudes racista e preconceituosa contra as crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos que ali estão inseridos.

Durante a pesquisa exploratória, foram constatados como são visíveis ações e/ou atos de preconceitos e racismos preponderantes em uma sociedade em que é considerada multicultural, onde os impactos de se mencionar a cor, costumes, modo de se vestir, opção sexual, crença, ainda persiste principalmente com a maioria das pessoas de cor negra ou classe social inferior, tendo a dificuldade de aceitá-los como seres humanos, cidadãos comuns que devem está inseridos na sociedade brasileira. Dessa maneira essa classe está contribuindo para manter a sociedade em um cenário racista e preconceituosa em pleno século XXI, tornando assim, verdadeiramente o Brasil um culturalmente racista e preconceituoso, passando a esquecer que esse país tem como principais raízes de origem os povos Indígenas, Portugueses e Africanos.

Sobre tudo fica entendido que conscientizar é um papel fundamental da escola, desde o ensino infantil até a universidade, pois, como o preconceito racial é um ato ou atitude cultural e assim deve ser trabalhada de forma contínua, fundamentada ao um processo educativo em que a partir das crianças/alunos a escola poderá mudar o pensamento das mesmas e assim estará contribuindo para a construção e/ou formação de novo perfil de cidadão, ampliando assim, o terreno cultural a igualdade referente aos direitos e deveres de pessoas sejam elas, de qualquer cultura para assim tornar ou/e criar uma nova sociedade que

possa ser justa, responsável, respeitando as diferenças culturais e diversidade do sujeito evidenciando a importância da vida humana na formação étnica de um novo País.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após uma breve análise, percebe-se que o preconceito racial ainda se constitui como um dos principais problemas enfrentados pela população brasileira nos dias atuais, enquanto que o combate ao racismo é um grande desafio para o Estado, bem como para as instituições não governamentais.

Apesar de nos encontrarmos em pleno século XXI, no qual foram vencidos vários tabus, se percebe que o preconceito racial ainda continua existindo em nossa sociedade, na qual ainda encontramos seres humanos que não conseguem conviver com seu próximo, pelo simples fato de possuir uma cor ou pertencer a uma, raça, crença, opção sexual ou classe social diferente da sua. No entanto, o mais difícil ainda de entender, é que existem leis que reprimem esses atos, contudo não são eficazes, permitindo assim, que o preconceito racial constitua-se como um impacto negativo na sociedade, a qual vem passando de geração a geração de forma cultural.

Dessa forma, combater o preconceito racial no Brasil torna-se apenas um ato simbólico, possuindo assim um forte preconceito cultural com relação a inferioridade e superioridade entre as pessoas; os níveis e suas classes sociais; a opção sexual; estilo musical; danças; crenças; entre outros; caracterizando assim um país dividido, em que o único caminho encontrado para minimizar tal situação e conscientizar as pessoas é através da educação. Uma Educação, que possibilite ao educando o verdadeiro entendimento de valorização do ser humano, para que todos adquiram a consciência de que o preconceito racial é problema social que está presente no dia a dia de cada indivíduo e não só das pessoas que são abusadas, agredidas ou negadas de receber um direito que é seu como cidadão ou cidadã inserido na sociedade.

Portanto, neste sentido entende-se que somente só conseguiremos abolir o preconceito racial no Brasil, quando todas as classes sociais tiverem a compreensão de que para exterminá-lo, faz-se necessário que trabalhemos juntos, desde a comunidade escolar, famílias e sociedade juntamente com os poderes legislativo e executivo buscando de fato efetivar as políticas públicas, para assim buscar um só pensamento que é sempre no bem estar do

próximo, somente assim teremos, de fato, uma sociedade justa e consciente que possa gozar dos seus direitos e deveres que são garantidos pelo lei.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CARNEIRO, L.T. Maria. **O racismo na Historia do Brasil**. 8. Ed. São Paulo: Ática, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. 51ª ed. São Paulo: Global, 2006.

OLIVEIRA, Denis de. **Globalização e Racismo no Brasil**. São Paulo: Unegro, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Racismo no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

SHWARTZ, Rosana, **Preconceito e injuria racial no Brasil contemporâneo** , disponível em <https://www.campograndenews.com.br/artigos/preconceito-e-injuria-racial-no-brasil>

VALENTE, Ana Lucia E.F. **Ser negro no Brasil hoje**. São Paulo: Moderna, 1987.